



CARREIRA ACADÊMICA, MATERNIDADE E *MATERNALISMO*: REPENSAR O CUIDADO

Flávia V. Lopes¹

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora, flavia.lopes@ufjf.br

Propósito

Pesquisas empreendidas nos estudos de gênero têm buscado desde explicar a sub-representação das mulheres na carreira acadêmica até analisar de que forma um conteúdo do conhecimento científico androcêntrico afeta a qualidade dos saberes e pesquisas em sua diversidade. São muitos os fatores que podem ser elaborados para a compreensão desse fenômeno, como o papel social atribuído a homens e mulheres, preconceito, assédio moral e sexual nas universidades, violências de gênero, viés implícito, entre outras formas que acabam afastando as mulheres das disputas por espaço no ambiente universitário. E, nesse conjunto de múltiplos fatores, insere-se também a maternidade, que reúne grandes e diferentes responsabilidades, com grande potencial de impacto na carreira de cientistas. O estudo busca fazer um diagnóstico da carreira de mulheres docentes da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Revisão da literatura

Há muitos estudos e autoras(es) trabalhando com a concepção de que a ciência tradicional é androcêntrica. Pensar uma relação entre ciência e gênero traz questionamentos e um olhar para a constatação que a evolução do conhecimento científico foi ancorada na existência de uma dicotomia entre o masculino e o feminino na sociedade. Com o agravante de que, durante a maior parte da História, a pesquisa científica foi e segue sendo executada por e para indivíduos do sexo masculino. Nesse sentido, a crítica à ciência vem notabilizando-se como um dos principais pontos nas agendas feministas. O feminismo não apenas tem produzido essa crítica ao modelo dominante de produção do conhecimento científico, como também propõe um modo alternativo de operação e articulação nesta esfera.

A divisão sexual do trabalho é uma questão de gênero e olhar para essa organização é central para que possamos compreender de que forma se dá a permanência das desigualdades na sociedade. Nas universidades, vários estudos comprovam as diferenças. Citamos algumas: uma pesquisa realizada nos Estados Unidos que analisou a distribuição de gênero por 30 anos, e concluiu que a maternidade é um importante fator para explicar a diferença de mulheres em posições estáveis na carreira científica (FREEMAN et al., 2009). Outro estudo revela que mulheres com filhos têm 38% menos chance de atingirem posições estáveis em todas as áreas do conhecimento (MASON et al., 2013). Também há pesquisas demonstrando que mães publicam até 26,4% menos que seus pares sem filhos (MORGAN et al., 2021).

No Brasil, outro levantamento realizado pelo grupo *Parent in Science*, entre os anos de 2017 e 2018, investigou o impacto da maternidade na carreira das cientistas brasileiras. Os resultados mostraram que, depois do nascimento dos(as) filhos(as), sua repercussão é imediata na produtividade das cientistas, com redução do número de publicações científicas (CARPES; STANISCUASKI; SOLETTI, 2022). De 15% a 45% das publicações de pesquisadoras são afetadas nos primeiros anos de vida de seus filhos. Como consequência, as mulheres conseguem chegar ao topo da carreira científica em torno de 50 a 55 anos, enquanto os homens a partir de 45 a 50 anos. É necessário destacar também os impactos não ocorrem apenas no período de licença, mas ao longo dos primeiros anos de vida de crianças, cujas demandas e alta dependência consomem grande parte do tempo das famílias, sobretudo das mães.

Uma sobrecarga que está relacionada ao estereótipo de que o cuidado dos filhos é um papel das mulheres - uma construção social, que acaba refletindo em suas carreiras. Papel naturalizado como algo “instintivo” (BADINTER, 1985), entre mulheres, realizado em nome do “do amor e do dever materno” (HIRATA; KERGOAT, 2007). Desigualdades que ainda resistem na manutenção de um modelo familiar tradicional, caracterizado por uma fraca divisão de tarefas no interior dos lares.

Nesse contexto, vem se popularizando o termo *maternalismo*, que é o discurso através do qual a sociedade justifica e reitera o lugar das mulheres— reduzidas à função de mães e trabalhadoras domésticas não remuneradas— “no exercício de tarefas imprescindíveis para a

consolidação e manutenção do capitalismo, como a reprodução social” (IACONELLI, 2023, p.5). Embora os papéis tenham se modificado drasticamente ao longo das últimas décadas, fica claro a persistência de forma gritante do “núcleo duro” da desigualdade de gênero no cuidado com as crianças.

Não apenas porque as mulheres se tornaram provedoras financeiras enquanto permaneciam genitoras e cuidadoras principais, acumulando funções em vez de remanejá-las, mas também porque foram induzidas a crer que a entrada de outros/as cuidadores/as responsáveis traria prejuízo psicológico para as crianças (IACONELLI, 2023, p.169-170).

Procedimentos metodológicos e resultados preliminares

Neste estudo, realizado com docentes no âmbito da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), são trabalhados elementos tanto de natureza qualitativa quanto de natureza quantitativa. Na UFJF as mulheres são maioria em grande parte dos segmentos. Entre estudantes de graduação, o percentual, segundo número da Pró-Reitoria de Graduação, é de 55% (11.413), contra 45% (9.390) de homens. Na pós-graduação, também estão em maior volume: das 3.880 pessoas com matrículas ativas em programas de pós-graduação, 2.013 são mulheres (52%) e 1.867 homens (48%). Elas também representam o maior volume de bolsistas (Capes, CNPq, Fapemig e bolsas próprias), ficando com 54,5% (455) das bolsas, contra 45,5% (380) deles. No entanto, entre docentes efetivos o percentual se inverte: 52,7% – ou 926 – são homens e os demais 47,3% – 831 – mulheres. Todos os dados foram coletados na instituição em março de 2023, junto às respectivas pró-reitorias.

Já os números relativos às Bolsas de Produtividade do CNPq recebidas na instituição – que são as bolsas de mais prestígio do sistema e um importante parâmetro para avaliação da evolução da carreira no ensino superior –, mostram que essas diferenças ainda persistem. Segundo levantamento relativo a agosto de 2023, a instituição contava com 135 docentes com esta modalidade de bolsa, sendo apenas 26% mulheres. Temos observado, por meio de entrevistas preliminares (transcritas a partir de pseudônimos) que, mesmo que as mulheres consigam chegar ao topo da carreira, suas trajetórias se mostram muito mais turbulentas pelos impactos que o “ser mulher” têm em suas vivências cotidianas.

Ainda que hoje muitas mulheres mães consigam construir carreiras acadêmicas promissoras, fazer ciência, elas seguem tendo que, na dimensão individual, lidar com o que acaba sendo lido como obstáculo à sua permanência no campo, a maternidade, as tarefas de cuidado culturalmente atribuídas quase de forma exclusiva a mães. É como se a maternidade precisasse ser mantida em um armário para aceitação e permanência desse agente científico. (HARRIET, professora, 41 anos)

Elas também falam da identificação dos fatores que contribuem para a perpetuação dessas construções sociais e imaginárias, e que muitas vezes são reproduzidas por elas mesmas.

A gente acaba introjetando essa necessidade de cuidado na nossa cultura e assumindo esse papel social na maternidade e reproduzindo isso de alguma forma, com certo peso sobre nós. Assumindo uma responsabilidade enorme e atribuindo a nós uma função que nos foi imposta socialmente e historicamente. (FLORA, 55 anos).

A saúde mental das mulheres e a sobrecarga à exaustão é outro ponto que precisa ser considerado, como relatado por outra docente.

Passamos o dia intercalando filho e trabalho, volta, continua... Aí chega a hora que ele dorme. E a gente vai trabalhar. Gera um desgaste físico e emocional muito grande. Às vezes a gente chega no domingo e o que temos que fazer? Trabalhar. (...) Para conseguir manter a produtividade eu durmo muito menos, tenho que ficar trabalhando na madrugada (...) Ao conversar com colegas, a maior parte delas falam que estão sob alguma situação de estresse e ansiedade. E não vejo isso em relação aos homens. (ANNA JULIA, 46 anos)

Diante desses fatores, acreditamos que questionar as desigualdades de gênero nestes espaços acadêmicos/científicos é apontar para a necessidade de uma análise crítica dos atores envolvidos neste ambiente. Analisar as estruturas de poder na academia a partir dos corredores,



gestos, práticas nas unidades, falas em reuniões, constituição das bancas de seleção quase nada diversas, atribuições de cargos conforme gênero e tantas outras microviolências são apenas alguns dos caminhos para analisar de que forma se sustentam as estruturas de poder que compõem esta instituição secular, que é a academia, ainda hoje, predominantemente masculina, branca, heterossexual e cisgênera em sua constituição, seus hábitos e costumes.

REFERÊNCIAS

CARPES, P.; STANISCUASKI, F.; OLIVEIRA, L.; SOLETTI, R. C. **Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos.** Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]. 2022, v. 31, n. 2 <https://doi.org/10.1590/S2237-96222022000200013>. Epub 06 Jul 2022. ISSN 2237-9622.

HIRATA, H. e KERGOAT, D. **Novas configurações da divisão sexual do trabalho.** In: Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez 2007, pp. 595-609.

IACONELLI, V. 2023. **Manifesto antimaternalista: psicanálise e políticas da reprodução.** Rio de Janeiro: Zahar.

OLIVEIRA, L. CALAZA, K. **Manual de Boas Práticas para Processos Seletivos UFF** Disponível em < <https://bit.ly/3br2nHh>>.